

## NOTA SOCIAL

### UNICAMP

No segundo Semestre de 1981 estão programadas as visitas dos seguintes professores estrangeiros, que permanecerão no Instituto de Química-UNICAMP, aproximadamente um mês e lecionarão um Curso de 15 horas.

### AGOSTO DE 1981

Prof. Dr. Viktor Thaller  
University of Oxford - England  
Curso: "Química e Bioquímica de Acetilenos Naturais".

Prof. Dr. Bryan Codel Reuben  
Polytechnic of the South Bank - England  
Curso: "Química Orgânica Industrial".

### SETEMBRO de 1981

Prof. Dr. Ari Usko Ivaska  
ABO AKADEMI - Finland  
Curso: "Tópicos Eletroanalíticos".

### OUTUBRO de 1981

Prof. Dr. Christian Decker  
École Nationale Supérieure de Chimie  
de Mulhouse - France  
Curso: "Fotoquímica Aplicada a Tecnológica de Polímeros".

Prof. Dr. Aubrey Dennis Jenkins  
University of Sussex - England  
Curso: "Química de Polímeros".

Prof. Dr. Robert Steven Braman  
University of South Florida - U.S.A.  
Curso: "Análise de Traços".

Será realizado na UNICAMP - Instituto de Química em 16 e 17 de Outubro de 1981 o Iº Encontro Informal Brasileiro de Fotoquímica e Fotobiologia - Iº EIBh. A data limite para se inscrever no encontro é de 30 de Junho de 1981. Maiores informações com

Prof. Dr. Marco Aurelio De Paoli  
Instituto de Química - UNICAMP  
Caixa Postal 1170  
13.100 - Campinas - SP - Brasil

# EDITORIAL

## Ciência em Português

Em recente editorial de uma revista americana de física de grande prestígio internacional, comentou-se o resultado de uma curiosa pesquisa lá efetuada sobre os trabalhos científicos publicados naquela revista. Essa pesquisa teve por objetivo avaliar o que teria acontecido se, ao invés de terem publicado o que se publicou nos últimos dez anos, tivessem ao contrário, publicado um número igual de trabalhos que para ela foram enviados e rejeitados. Para surpresa dos atônitos participantes do grupo de trabalho encarregado da pesquisa, concluiu-se que, a troca em nada teria mudado a física contemporânea e/ou pouca diferença faria. Confessa o editor daquela revista que a qualidade dos trabalhos publicados eram de tal ordem equivalentes à dos rejeitados, que muitas vezes tiveram que recorrer ao curioso sistema de "cara ou coroa" para decidir qual dos trabalhos seria rejeitado (ou publicado).

Quando analisamos estas conclusões e quando observamos que no Brasil dá "status" o trabalho publicado em revista estrangeira, tem-se a sensação que o espírito de colonizado ainda existe entre nós que, mesmo na ausência de um colonizador direto, agimos como se, ainda estivéssemos sob a imposição de regras coloniais. É pois lamentável que continuemos dando preferência à publicações de nossos trabalhos em revistas de outros países sem atentarmos para o fato que enquanto isso persiste, nada mais estamos fazendo do que alimentando uma distorção cultural à qual precisamos dar um basta.

Será que um país com 120.000.000 de habitantes e com claras responsabilidades presentes e futuras poderá dar-se ao luxo de ver passar o século XX afirmando que a língua nacional não se presta à comunicação científica? Será possível que é mais importante um John, um Hans ou um Michel ter acesso ao trabalho que João faz e que José e Maria financiaram e não podem ler?

Não sejamos radicais querendo que tudo seja publicado em português, mas creio que já chegou a hora de praticarmos a modéstia e reconhecermos que, salvo raríssimas exceções, poucos estrangeiros precisam de nossos trabalhos para o progresso da humanidade, mas, muitos brasileiros precisam dele para saírem do estágio em que se encontram.

Ou nós escrevemos ciência em nossa língua ou, jamais alguém o fará!

O Editor